

**Título** António Quadros  
Obra, Pensamento, Contextos  
**Autores** Manuel Cândido Pimentel, Sofia Alexandra Carvalho  
**Coleção** Colóquios

© Universidade Católica Editora

**Revisão Editorial** Helena Romão  
**Capa** Ana Luísa Bolsa | 4 ELEMENTOS  
**Paginação** acentográfico  
**Impressão e Acabamento** Europress, Lda  
**Tiragem** 300 exemplares  
**Depósito Legal** 405308/16  
**Data** fevereiro 2016

**ISBN** 9789725404775

**Universidade Católica Editora**  
Palma de Cima 1649-023 Lisboa  
Tel. (351) 217 214 020 | Fax. (351) 217 214 029  
uce@uceditora.ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt

SEJA ORIGINAL!  
**DIGA NÃO  
À CÓPIA**  
RESPEITE OS DIREITOS DE AUTOR

ANTÓNIO QUADROS  
António Quadros : obra, pensamento, contextos / coord. [de] Manuel Cândido Pimentel, Sofia Alexandra Carvalho. – Lisboa : Universidade Católica Editora, 2016. – 344 ; 23 cm. – ( Colóquios ). – ISBN 9789725404775  
I – PIMENTEL, Manuel Cândido, coord. II – CARVALHO, Sofia Alexandra, coord.  
CDU 1 Quadros, A.  
821.134.3 Quadros, A.  
929 Quadros, A.

# António Quadros

## Obra, Pensamento, Contextos

coordenação

Manuel Cândido Pimentel  
Sofia Alexandra Carvalho



## Índice

<b>Prefácio</b>	9
<i>Manuel Cândido Pimentel e Sofia Alexandra Carvalho</i>	
 <b>PRIMEIRA PARTE</b>	
<b>A AVENTURA DO PENSAR</b>	
<b>António Quadros, Filósofo do Movimento</b>	17
<i>Joaquim Domingues</i>	
<b>A Filosofia do Movimento em António Quadros</b>	
<b>Prolegómenos especulativos à operacionalização da Saudade do Futuro</b>	25
<i>Mário Sérgio Ribeiro</i>	
<b>O Lugar do Intemporal</b>	
<b>A propósito de António Quadros, pensador do mito da História</b>	33
<i>Carlos H. do C. Silva</i>	
<b>História, Hermenêutica Esotérica e Filosofia em Portugal,</b>	
<b>Razão e Mistério</b>	43
<i>João Ferreira</i>	
<b>Ser e Estar, Ter e Haver, Fazer Espírito, Língua e Cultura</b>	
<b>no Pensamento de António Quadros</b>	50
<i>Jorge Croce Rivera</i>	
<b>António Quadros</b>	
<b>Cultura e Desocultação</b>	61
<i>José Antunes de Sousa</i>	
<b>António Quadros</b>	
<b>As diferenças culturais como problema filosófico</b>	66
<i>Rui Lopo</i>	
<b>A Distinção entre o Tempo Mítico Grego (Angústia da Tragédia)</b>	
<b>e o Tempo Histórico Judaico-cristão (Esperança Bíblica)</b>	
<b>no Pensamento Escatológico de António Quadros</b>	73
<i>Samuel Dimas</i>	

<b>Saudade e Futuro em António Quadros</b> <i>Pedro Vistas</i>	80
<b>A Intuição e o Conceito do Divino em António Quadros</b> <i>Jorge Teixeira da Cunha</i>	88
<b>A Teologia do Espírito Santo em António Quadros</b> <i>Manuel Cândido Pimentel</i>	96
<b>SEGUNDA PARTE</b>	
ENTRE TRADIÇÃO E INVENÇÃO	
<b>A Estética Existencial de António Quadros</b> <i>António Braz Teixeira</i>	105
<b>A Dimensão Estética no Pensamento de António Quadros</b> <i>José Carlos Pereira</i>	114
<b>Filosofia da Paisagem na Obra de António Quadros</b> <b>No Primeiro Barroco Atlântico (apontamento)</b> <i>Rodrigo Sobral Cunha</i>	120
<b>António Quadros e a Crítica ao Existencialismo</b> <i>Marta Mendonça</i>	125
<b>António Quadros e a Filosofia Portuguesa</b> <i>J. Pinharanda Gomes</i>	135
<b>António Quadros e o «57 – Movimento de Cultura Portuguesa»</b> <i>Manuel Gama</i>	147
<b>A Exegese do Sebastianismo em António Quadros</b> <i>Miguel Real</i>	157
<b>O Carácter Paraclético e Apocalíptico da Ilha Brasil</b> <b>no Contexto do Mito Sebastianista</b> <i>Loryel Rocha</i>	163
<b>António Quadros como precursor dos estudos</b> <b>do sebastianismo na literatura brasileira</b> <i>Lúcia Helena Alves de Sá</i>	174

<b>A Leitura do Modernismo em António Quadros</b> <i>Nuno Júdice</i>	182
<b>A Poética de António Quadros</b> <i>António Cândido Franco</i>	187
<b>António Quadros</b> <b>Da literatura alheia à literatura própria</b> <i>João Bigotte Chorão</i>	192
<b>António Quadros e a Ficção Nacional Saudades do Futuro...</b> <i>Annabela Rita</i>	197
<b>António Quadros, Tradutor</b> <b>Relatório preliminar e algumas perguntas</b> <i>Teresa Senyá</i>	208
<b>TERCEIRA PARTE</b>	
SITUAÇÃO, PÁTRIA E TESTEMUNHO	
<b>Linhas de Força de uma Antropagogia Situada</b> <b>na Obra de António Quadros</b> <i>Manuel Ferreira Patrício</i>	223
<b>António Quadros – Intérprete do Portugal Moderno</b> <i>Guilherme d'Oliveira Martins</i>	230
<b>António Quadros e a Universidade em Crise</b> <b>Uma questão cultural</b> <i>Luísa Leal de Faria</i>	233
<b>António Quadros Leitor e Intérprete de Albert Camus</b> <i>Maria de Lourdes Sirgado Ganho</i>	246
<b>“Razão e Mistério”</b> <b>Uma leitura comparada entre António Quadros e Sampaio (Bruno)</b> <i>Afonso Rocha</i>	253
<b>«A Procura da Verdade Oculta»</b> <b>António Quadros e o Pensamento Esotérico de Fernando Pessoa</b> <i>José Almeida</i>	263

<b>António Quadros Leitor Integral De Fernando Pessoa</b> <i>Raquel Nobre Guerra</i>	271
<b>Mito, Utopia e Ucronia</b> <b>Leituras de António Quadros e Eudoro de Sousa</b> <i>Sofia A. Carvalho</i>	280
<b>António Quadros, a Filosofia Portuguesa e a Tradição Joaquimita</b> <b>Em diálogo com Agostinho da Silva e José Marinho</b> <i>Renato Epifânio</i>	292
<b>António Quadros e a Paideia Lusa</b> <i>Abel de Lacerda Botelho</i>	300
<b>A visão do Brasil em António Quadros</b> <i>Constança Marcondes Cesar</i>	311
<b>António Quadros e o Brasil</b> <i>Anna Maria Moog Rodrigues</i>	317
<b>António Quadros</b> <b>Um testemunho</b> <i>José António Barreiros</i>	325
<b>António Quadros, Homem Vertical</b> <i>Gilberto de Mello Kujawski</i>	330
<b>Apresentação do Colóquio no Brasil</b> <i>António Quadros Ferro</i>	333

## Prefácio\*

### I.

«O escritor é, porventura, o elemento basilar de um complexo cultural. Levando o pensamento até ao seu limite necessário, diremos mesmo que o escritor é o elemento basilar de um complexo nacional.»<sup>1</sup>. Assim se pronunciava António Quadros, na obra *A Existência Literária*, sobre a situação cultural e a verdade do escritor na sociedade e, em particular, na sociedade portuguesa, acrescentando ser ele o «elemento social, que, pela sua acção, mais contribui para o progresso espiritual e até material da pátria portuguesa e da humanidade»<sup>2</sup>.

Concordando estritamente com o seu próprio ponto de vista filosófico da nuclearidade da antropologia no contexto dos saberes ou mesmo da sua prevalência nos domínios da sabedoria filosófica, um traço que tem em comum com o seu Mestre Álvaro Ribeiro, António Quadros viu no escritor aquele que «estuda o homem sob todos os seus ângulos», sendo ele o filósofo, o poeta, o dramaturgo, o novelista, o sociólogo, o historiador, o orador e o teólogo ou apologista.

Se o primeiro, o *filósofo*, tem por missão observar e exprimir «as relações do espírito com a alma e o corpo, que perscruta as fronteiras da antropologia, da cosmologia e do transcendente, que explora os fins da Humanidade, o sinal do seu destino neste mundo de geração e corrupção»<sup>3</sup>, o último, o *teólogo* ou *apologista*, tem por missão dar «notícias aos homens de um Deus interiorizado ou revelado»<sup>4</sup>.

Como *poeta*, o escritor «traduz a dor, a angústia e a saudade»; *dramaturgo*, «reproduz, artisticamente, os conflitos sociais», revelando-nos o agenciamento do mal entre os seres humanos; *novelista*, «alinha a sucessão dos eventos vitais de um homem ou de uma família, que transmite um movimento humano e espiritual no tempo e no espaço»<sup>5</sup>.

E enquanto sociólogo, historiador e orador? Se aquele, o *sociólogo*, «analisa as virtudes e as carências das sociedades e as suas relações entre si», se o *historiador*

\* As partes 1 e 2 do presente prefácio foram redigidas por Manuel Cândido Pimentel e Sofia Alexandra Carvalho, respetivamente.

<sup>1</sup> António Quadros, *A Existência Literária*, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1959, p. 209.

<sup>2</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>3</sup> *Ibidem.*

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 210.

<sup>5</sup> *Ibidem*, pp. 209 e 210.

ao que nesse livro nos é dito; e deve dizer-se que, tendo Quadros tido acesso às cartas de amor a Ofélia, o que ele cita dessa correspondência é, no fundo, o essencial e o que não é ridículo, bem tendo nós podido prescindir da revelação de um acréscimo que nada acrescenta, em meu entender, à valorização quer do poeta quer da obra, para além do drama humano dessa relação.

Poderemos discordar de um sentido messiânico, de uma visão que busca com demasiado otimismo uma coerência global num poeta que muitas vezes entrou em contradição consigo próprio e que, quando chegava a um fim, logo o contradizia pela boca de um heterónimo que funcionava como aquilo a que é moda, hoje, chamar-se o «contraditório». Mas muitas conclusões, muitas intuições, e sobretudo o conhecimento profundo e a percepção do papel do pensador na personalidade pessoana, constituíram um contributo ainda hoje necessário para o conhecimento desse que foi um dos mais ricos períodos da nossa cultura e dos seus protagonistas.

## A Poética de António Quadros\*

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

A minha janela da cozinha abre para sudeste, donde chega o vento quente de verão e se levantam os dois luminares do céu limpo. Nas noites frias de janeiro, quando as nuvens debandam ou se desfazem, põem-se a brilhar as grandes e diamantinas estrelas austrais. Eu chego lume ao pavio duma vela e leio ao acaso uma página dum livro esquecido. Foi por certo aí que li esta frase de Afonso Cautela: *A convite de António Quadros e um pouco por culpa da solidão intelectual em que vivia no Alentejo (com desconhecimento das políticas e dos maquiavelismos lisboetas) caiu [Afonso Cautela] na armadilha de colaborar no jornal 57, deslize que lhe valeria o epíteto de "fascista" vindo dos amigos de esquerda, enquanto a publicação dos cadernos lhe valia o epíteto de comunista, por parte dos que não só lhes apreendiam a publicação como lhe moviam outros tipos de perseguição, não muito impiedosa mas chata, para quem gostava tão pouco de políticos e de política como ele.*

A frase tem o seu quê de surpresa para quem só conheceu António Quadros na década de 80 do século XX e viu nele um homem cheio de entusiasmo pela tradição portuguesa mas aberto, liberal, pronto a recolher os mais variados contributos e incapaz duma palavra má. De resto essa imagem dum cosmopolita, apto a interessar-se por tudo o que fizesse parte da nata universal, está logo patente em alguns dos seus primeiros estudos, depois recolhidos em *Modernos de Ontem e de Hoje*. A frase de Afonso Cautela não está publicada em livro e corre apenas naquelas folhas datilografadas em que este homem é pródigo. Só ela merecia um excursão cuidado e demorado, em que por agora não me posso empenhar. Na verdade estou aqui para falar da *poética* de António Quadros e não para destrinçar a situação cultural e política duma revista marcante, o 57, na segunda metade do século XX português.

É pois a poética de António Quadros que aqui me traz. E a poética dum escritor, digo comigo, nunca é aquilo que se pensa. Também a de António Quadros não é o que de imediato se pode esperar. Poesia e verso nem sempre coincidem naquele ponto onde se apura uma teoria da criação. Enganar-se-ia quem fosse procurar aos versos dum poeta tão prodigioso como Teixeira de Pascoaes a sua poética. Se assim fizesse, colheria só uma pequena parte do exercício criativo deste poeta. É afinal na sua prosa, em especial na prosa narrativa de livros como *Duplo Passeio* (1942), que se encontra a parcela mais grada e representativa da sua imaginação. Do mesmo modo em António Quadros a letra mais propícia para avançar por dentro da sua poética não me parece que seja a dos versos, por

\* O autor do presente texto autoriza a sua publicação segundo as regras do novo acordo ortográfico da língua portuguesa, concordando com a política editorial da UCE, embora discorde da sua aplicação.